

RESENHA DO ARTIGO:

Aprendizagem experiencial na formação de gestores socioambientais

Experienced learning in the training of socio-environmental managers

Paulo Cesar Rodrigues Borges¹

 <https://orcid.org/0000-0002-7398-7905>

 <http://lattes.cnpq.br/4275937790613243>

Instituto de Educação Superior de Brasília, IESB, Brasil

E-mail: pcrborges.eng@gmail.com

Rogério Fabiano de Lima²

 <https://orcid.org/0000-0002-3570-9613>

 <http://lattes.cnpq.br/7714395020148531>

Instituto de Educação Superior de Brasília, IESB, Brasil

E-mail: rogeriofabianolima1978@gmail.com

Resenha da obra:

BRASIL, Walterlina; ARROLHO, Solange; SIMÃO, Berenice. Aprendizagem experiencial na formação de gestores socioambientais. **Revista Novos Cadernos NAEA**. Qualis: A3 v. 20, n. 3, p. 225-244, set-dez 2017

Resumo

Esta é uma resenha do artigo denominado “Aprendizagem experiencial na formação de gestores socioambientais”. Este artigo tem como autores, Walterlina Brasil, Solange Arrolho e Berenice Simão. O artigo aqui resenhado foi publicado no periódico “Revista Novos Cadernos NAEA”. Qualis: A3 v. 20, n. 3, p. 225-244, set-dez 2017.

Palavras-chave: Aprendizagem Experiencial. Gestão Socioambiental. Formação de Lideranças. Pós-Graduação.

Abstract

This is a review of the article called “Experiential learning in the training of socio-environmental managers”. The authors of this article are Walterlina Brasil, Solange Arrolho and Berenice Simão The article reviewed here was published in the journal “Revista Novos Cadernos NAEA”. Qualis: A3 v. 20, no. 3, p. 225-244, Sep-Dec 2017.

Keywords: *Experiential Learning. Environmental Management. Leadership training. Graduate Course.*

¹ Graduado em Engenharia Cartográfica pelo Instituto Militar de Engenharia (IME/1987), mestrado em Sistemas e Computação pelo Instituto Militar de Engenharia (IME/1993), doutorado em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB/2003) e doutorado em Aplicações, Planejamento e Estudos Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME/1997).

² Mestrando em Planejamento e Gestão Estratégica das Organizações do IESB; Graduado em Ciências Humanas/Área: Geografia. Servidor Público do Tribunal de Contas do DF.

Resenha

O presente texto, em forma de resenha, trata da apreciação do artigo anteriormente mencionado que é de autoria identificada.

A formação e a experiência dos autores deste artigo contribuem para a reflexão dos temas aos quais se propõem a escrever. A seguir, um breve currículo de cada um deles para que se possa melhor conhecê-los.

A primeira autora deste artigo é Walterlina Brasil - Doutora em Ciências Socioambientais pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará (NAEA-UFPA). Docente do Núcleo de Ciências Humanas, Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior. E-mail: walterlina.brasil@gmail.com.

<http://lattes.cnpq.br/3555085551615800>, <http://orcid.org/0000-0002-0905-1838>.

A segunda autora deste artigo é Solange Arrolho - Doutora em Aquicultura pelo Centro de Aquicultura da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: solarrolho@yahoo.com.br, Lattes: 3155418992318872, <https://orcid.org/0000-0002-8038-1303>.

A terceira autora deste artigo é Berenice Simão - Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR) E-mail: berenicesimao@yahoo.com.br, Lattes: 4415520771247535, <https://orcid.org/0000-0002-6938-5346>.

O artigo é dividido nos seguintes capítulos: resumo, palavras-chave, *abstract*, *Keywords*, introdução, conceitos e abordagens, aprendizagem experiencial, colaboração, gestão colaborativa, metodologia com divisões, como observação dos participantes no emprego de registro e fala, base analítica e análises de resultados e discussões e conclusão.

No processo metodológico foi empregado a técnica da observação participante associada à coleta de fragmentos de fala adaptado de Kolb (1984) por Lizeo (2003). Isto significou que os registros da pesquisa cumpriam também a função de aprendizagem reflexiva das autoras.

No resumo deste artigo consta:

Trata-se da experiência proporcionada durante um curso de Pós-Graduação Lato Sensu para formação de lideranças na gestão socioambiental, onde se estabeleceu como base metodológica a Aprendizagem Experiencial, nos termos de Freire (1987), Lizeo (2003) e Kolb (1984). O artigo analisa o uso dessa abordagem no curso, e quais contribuições oferecem àqueles que se disponham a efetivar formação de gestores socioambientais. Anota-se que o curso foi estruturado com base na teoria de sistemas socioecológicos complexos, buscando contribuir com a formação de lideranças para a Amazônia brasileira. Este marco teórico é importante porque está associado à escolha metodológica para a formação oferecida, convertendo-se no eixo da proposta que abre espaço para experiências oferecidas a partir da Aprendizagem Experiencial. A análise pode subsidiar outros processos semelhantes, aperfeiçoados com base na reflexão sobre o método para a aprendizagem e identificando a efetividade dessa prática na formação profissional.

O artigo contribui com os estudos sobre o uso de ferramentas metodológicas que abordam a aprendizagem experiencial. Com este propósito e dentro do tema da conservação da Amazônia brasileira, registra e analisa a experiência do Curso de Especialização em Gestão Colaborativa de Sistemas Socioecológicos Complexos na

Amazônia brasileira, realizado em Mato Grosso, na cidade de Cotriguaçu, no período de 2010 a 2013. O curso teve como objetivo a formação de lideranças para gestão ambiental.

Assim, a aprendizagem experiencial se mostrou essencial como uma parte da formação e aprofundar análises relacionadas ao seu uso permite avaliar o potencial dessa abordagem em situações formativas semelhantes e inferir quanto aos possíveis aprimoramentos. Portanto, quando o conteúdo propõe criar situações para a aquisição de instrumental teórico-prático e experiencial, a abordagem de aprendizagem experiencial permitiu orientar o olhar do cursista sobre os grupos humanos envolvidos em conflitos relacionados ao uso e à conservação dos recursos naturais, alinhando-se a uma visão sistêmica do ambiente. Este efeito pretendido dependerá bastante do repertório de experiências dos cursistas e da disposição destes em colaborar. Assim, o contexto da aprendizagem experiencial evoca a natureza e o conteúdo do projeto desenvolvido.

Realizar um curso com um público diversificado e buscar a integração entre experiências individuais e aprendizagens coletivas. Por estes dois princípios – a concepção teórica que orienta e seleciona o conteúdo em conjunto com a definição metodológica para execução - os quatro módulos visam a conduzir a identificação dos atributos, variáveis e história do sistema analisados em razão do conteúdo, ao mesmo tempo em que cada um dos envolvidos no processo poderia avançar em sua autoaprendizagem.

O curso foi baseado na teoria de sistemas socioecológicos complexos. Segundo essa teoria, a composição do mundo em um grande sistema ecológico (recursos naturais) e social (humano) pode ser compreendido em vários subsistemas, como por exemplo: recursos hídricos, florestais, cidades e até pequenas comunidades. Estudam-se, nesta teoria, as ações do homem perante os recursos naturais e sua interação com o meio ambiente frente às intervenções de desenvolvimento econômico e os desafios de conservação e adaptação do sistema (OSTROM, 2009).

O conceito de aprendizagem experiencial foi trazido à tona nesse estudo por estar ligado ao processo formador no âmbito da atuação dos indivíduos inseridos no contexto do curso, suas interações, percepções, compartilhamentos, atitudes e disponibilidades para *aprendizagem colaborativa*, em razão de uma *gestão colaborativa*. Tais circunstâncias envolvem decisões e escala superiores à própria condição desses indivíduos, vistas no conjunto das atividades do curso, mas também com base nos avanços compreendidos em torno da aprendizagem.

Um dos pilares para o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem foi a aceção de Kolb (1984). Em síntese, Kolb (1984, p. 38) definiu aprendizagem como resultado da transformação da experiência e estabeleceu quatro etapas para este processo, que podem ser sintetizadas no chamado “Ciclo de Aprendizagem Experiencial”. Envolve a experiência concreta, observação reflexiva, conceitualização abstrata e a experimentação ativa, de tal forma que o sujeito procure obter a visão sobre os efeitos relativos ao próprio comportamento de aprender, enquanto aprende.

Nesta experiência, a gestão socioambiental é o desafio formador, fundando-se nas lideranças que possuem elementos teóricos quanto à complexidade dos sistemas socioecológicos e atores envolvidos nos dilemas da gestão colaborativa. É preciso aproximar as expectativas dos cursistas frente aos desafios formadores contidos na proposta do curso e a rede de significados a ser tecida pelos indivíduos. Ou seja, nos termos de Kolb (1984), se a experiência é transformada, a aprendizagem ocorre.

Sobre o Ciclo de Aprendizagem Experiencial, Lizeo (2003, p. 23) o definiu como “[...] um processo contínuo de reflexão e ação baseadas na compreensão compartilhada e ancoradas na experiência conjunta, tendo como resultado a geração de novos conhecimentos e de *insights*”. Coletivamente, os membros do grupo refletem sobre os resultados de suas ações (experiência conjunta) por meio da conversação reflexiva, baseada no diálogo e na discussão produtiva. A qualidade da reflexão dos membros sobre os resultados de suas ações dependerá dos mapas cognitivos coletivos do grupo, incluindo sua base de conhecimento e seus modelos mentais.

A meta do trabalho foi baseada na coleta de percepções dos cursistas e, conforme a viabilidade de integração destes na discussão, produzir uma reflexão sobre como tal percepção reflete a adoção do conceito de colaboração relacionada à gestão. Os cursistas não atuaram como coletores dos fragmentos de fala. Este procedimento assegurou isenção do registro, para que houvesse a possibilidade de saltar dos registros de fala para a construção de um conceito de colaboração advindo do grupo.

Exercícios como este demonstraram ser bastante produtivos, desafiadores e úteis, se o intuito for aprofundar quais perspectivas pedagógicas envolvem aprendizagens significativas e se consolidem em razão de um propósito coletivo. Entretanto, no caso estudado, a análise da experiência demonstrou ser um processo incompleto com ciclo de aprendizagem em grupo. De fato, pode haver aprendizagem, mas certamente não se referiu ao grupo. Talvez as subdivisões que se formam ou ao plano individual. O que leva a ponderar entre as decisões entre quem é o grupo e quem são os indivíduos que lideram ou interessam a ele.

Para poder analisar a emergência dos conceitos nos grupos, eles deveriam ser tratados como “percepções”. E as categorias utilizadas, em conformidade com a dimensão teórica que pudessem ser defendidas durante a explicação e a escolha do grupo, na atividade. A compreensão determinou que participação, colaboração e gestão seriam expressões que envolveriam mais a percepção e experiência dos indivíduos do que confrontos teóricos. Demonstrou o ambiente para rejeição do debate em torno do campo sob o qual os conceitos estão sendo propostos. A aprendizagem empírica desligava-se do aprofundamento teórico previsto para o curso em torno da teoria dos sistemas socioecológicos complexos.

De fato, os ciclos de aprendizagem funcionaram como mobilização cognitiva e vinculação eventual entre os indivíduos, o que se mostrou suficiente para demonstrar que a formação não enfrentou os dilemas da incursão na realidade em razão das práticas sociais. Isto torna essa experiência dependente de uma teoria de liderança que considere a participação/colaboração tanto como um conceito, quanto uma atitude. Em situações similares, nota-se que é necessário priorizar quais os compromissos formadores para obter articulações que gerem comunicação e pensamento articulado efetivo, reduzindo ou avaliando os eventos. Entretanto, não há dúvida de que Kolb (2011) possui uma contribuição fundamental em propostas formadoras dessa natureza, caso sejam explícitas e incorporadas no grupo e/ou em um projeto.

Perante o exposto, a base científica utilizada ao lado das técnicas didáticas e pedagógicas comentadas pelas autoras (aprendizagem experiencial), trouxe para este artigo um mecanismo transformador e uma oportunidade exploratória abrangente, por oferecer um olhar interior dos diferentes conjuntos que formam o grupo de análises *ad-hoc*, de modo que a estrutura e as competências essenciais das diferentes áreas e campos de conhecimento podem utilizar as considerações e possibilidades tratadas no artigo.

Referências

BARRETO, V. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOLB, D. A. **Experiential Learning**. Experience as the Source of Learning and Development. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1984. Disponível em: Acesso em: 13 jul. 2011.

LIZEO, E. **Um modelo dinâmico de aprendizagem em grupo**. 2003. 163f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2003.

OSTROM, E. A general Framework for Analyzing Sustainability of SocialEcological Systems. **Science**, 324, p. 419-422, 2009.